

CULTURA: algumas noções

Francisco José da Silveira Lobo Neto

Em 1871, o antropólogo e jurista inglês *Edward Barnett Tylor* (1832-1917)¹ definiu **cultura** descritivamente como o *conjunto de conhecimentos, crenças, artes, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade*². Cabe notar desde logo que, contrariando uma corrente significativa dos antropólogos de seu tempo, para Tylor:

- a) todos os homens vivendo em sociedade, mesmo os mais “primitivos”, têm cultura;
- b) a cultura é adquirida, não se atribuindo os costumes à natureza física.

A palavra cultura já qualificava a prática do camponês “cultivando” seu campo. Em sentido figurado, vai ser usada, a partir do século XVIII, relacionada às letras, artes e ciências. Diz-se que é **culto** quem se empenha em adquirir conhecimentos, quem promove o progresso de seu espírito.

Em 1774, o filósofo alemão *Johann Gottfried Herder* (1744-1803) afirma que cada povo tem uma “inspiração” que lhe é peculiar (*Volksgeist*) que se manifesta através da cultura (*Kultur*) folclórica, literária e artística. Surge assim um novo uso da palavra “cultura” designando “as obras do espírito, a língua, a religião, a moral que constituem o bem particular de um povo e o diferenciam dos outros” (Journet, 2000).

A partir de então, a palavra “cultura” vem sendo usada com variados sentidos em diferentes contextos, podendo significar, por exemplo: forma de desenvolvimento intelectual (“fulano é culto”); produtos da capacidade criativa (obras de arte plástica, musical, literária); conjunto de modos de pensar e de agir peculiares a um grupo social (cultura operária, cultura burguesa, cultura aristocrática); tradição artística e literária de um povo, de um país, de um lugar, de um tempo (cultura afro-brasileira, cultura do pós-guerra); conjunto de valores próprios de uma civilização (cultura judaico-cristã, islâmica, greco-romana)³.

As ciências sociais, no processo de constituição de seu objeto, terão do termo “cultura” principalmente dois entendimentos:

¹ Em 1871, com base nos registros de suas observações em viagens, torna-se *fellow* da *Royal Society*. Em 1875 recebe o grau de Doutor em Direito Civil na Oxford University, de cujo Museu se torna diretor em 1883. No ano seguinte preside a seção de antropologia da British Association e, de 1896 a 1909 é Professor de Antropologia em Oxford, onde estrutura o curso de graduação em Antropologia, tomado como modelo por outras Universidades.

² "Culture or civilization, taken in its wide ethnographic sense, is that complex whole which includes knowledge, belief, art, morals, law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society." (Tylor, E.B. (1871). *Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*).

³ “Everyone knows what cultural anthropology is about: it's about culture. The trouble is that no one is quite sure what culture is. Not only is it an essentially contested concept, like democracy, religion, simplicity, or social justice, it is a multiply defined one, multiply employed, ineradicably imprecise.” (GEERTZ, 1999)

a) aquele que se baseia na aptidão humana universal de superar os limites da natureza; e

b) aquele que se fundamenta na consideração das diferenças dos costumes, das linguagens e das formas de vida social.

O antropólogo sul-africano Adam Kuper (n. 1941)⁴ identifica três campos de significação para a noção de “cultura” que, apesar de “completamente diferentes”, vêm misturando-se:

a) o que desde o século XVIII, na França, entende “a civilização como um processo universal que distingue o ser humano dos animais e cujo núcleo é a razão produtora de ciência, com suas aplicações técnicas capazes de controlar a natureza”;

b) o que se opõe a este e surge na Alemanha, entendendo a cultura como “o que torna uma população diferente de outra”, porque cada qual possui a sua cultura que é lingüística, espiritual e artística e não racional, científica e técnica;

c) o que entende que a cultura não inclui todo o conjunto das ciências e das artes, mas apenas parte dele, representada pelas obras-primas da tradição elitista européia, opondo-se aos valores materialistas burgueses e aos costumes populares (cfr. Kuper, 2001).

Há sempre necessidade, portanto, de explicitar o sentido do termo “cultura”, porque se tornou ambíguo em sua plural e diversa significação.⁵

Observa-se, hoje, uma renovação da noção de “cultura”. Volta a ser valorizado como fator positivo da vida social, o fato de se pertencer a uma comunidade cultural. Por isso mesmo, a “diferença cultural” aparece como uma exigência com a qual a democracia e os direitos humanos precisam compor-se.

O “cultural” é um argumento que tanto mais se apresenta quanto mais se explicitam os limites das teorias racionalistas⁶ como explicação das ações humanas. Isto não significa uma retomada do culturalismo da década de 1930, porque atualmente essa noção de cultura pode ser usada para desconstruir e criticar seu próprio conteúdo. Certamente, o que caracteriza o culturalismo é a abordagem que considera a cultura “uma entidade resistente à mudança e autônoma nas suas determinações e, conseqüentemente íntegra e irreduzível a qualquer outra coisa que não seja ela mesma” (JOURNET, 2000).

⁴ Graduado pela Universidade de Witwatersrand em Johannesburg, fez o doutorado na Universidade de Cambridge, tendo lecionado no University College London e na Universidade de Leiden, na Holanda. Desde 1985 é Professor da Brunel University, em Londres, onde chefia o Departamento de Antropologia.

⁵ Terry Eagleton (2004) observa: “A cultura deixou de ser apenas obras de arte e passou a abarcar um modo de vida específico. Ela sempre tinha sido entendida assim pelos antropólogos... hoje a cultura desceu do macro para o micro - de sociedades inteiras para uma série de grupos de interesses específicos no interior das sociedades. É mais questão dos Hell's Angels [clube de motociclistas dos Estados Unidos] do que da Grécia helênica”.

⁶ JOURNET (2000) refere-se a um largo espectro teórico que vai do marxismo à sociobiologia, passando pela psicologia cognitiva.

Uma forma atual de culturalismo é representada pelas posições de Geertz⁷ com sua concepção de que a cultura é “primordial”, isto é que se constitui em base do pertencimento social. Mas, segundo ele, porque a cultura é vivida interiormente e consiste tanto de sentimentos quanto de enunciados articulados, não pode existir uma “ciência da cultura”. A noção de cultura, para Geertz, não exige elaboração teórica: é um limite da compreensão, que se pode até tentar descrever, mas não se pode explicar.

James CLIFFORD (1988), em seu *The Predicament of Culture* analisa as práticas culturais e indica relatos autoritários de outros modos de vida como ficções, que passam a ser contestadas no período pós-colonial. Sua crítica ao Ocidente levanta questões importantes como: Quem tem autoridade para falar sobre identidade grupal e autenticidade? Quais são os elementos essenciais e as fronteiras de uma cultura? Como a sua e “a outra cultura” se chocam nos encontros de etnografia, viagens e modernas relações interétnicas?

Neste sentido, a tentativa de responder a essas questões passa pelas percepções que temos dessa freqüente referência à cultura. Pode-se vê-la como uma das reações à globalização e uniformização. “É uma revolta contra a morte das diferenças” EAGLETON (2004). Ao mesmo tempo em que essa referência marca diferenças, ela também indica a comum valorização das especificidades. É o mesmo autor acima que observa, com fina ironia, como até os mais explícitos neofascistas já se cuidam para usar a expressão diferenciadora “deles e delas”, num envernizado respeito às diferenças de gênero.

“Se a cultura opera por nuances e implicações, então a cultura, no senso amplo do termo (um modo de vida específico) possui a força intuitiva e o refinamento textural da cultura no sentido mais restrito (as artes). Se a cultura opera por nuances e implicações, então a cultura, no senso amplo do termo (um modo de vida específico) possui a força intuitiva e o refinamento textural da cultura no sentido mais restrito (as artes). Essa é uma razão pela qual faz sentido usar o mesmo termo para descrever as duas coisas” (idem).

Mas não há como deixar de constatar que estamos vivendo uma mudança no significado de cultura. Se antes ela se referia a um “viver civilizado”, agora ela indica e sublinha, sobretudo, “uma maneira de viver específica e diferenciada”. E, nessas maneiras específicas e diferenciadas, se objetivam as manifestações que ultrapassam os limites da utilidade e da necessidade, que valorizam o afetivo, o sensorial e o emocional.

Contudo, por isso mesmo, “a cultura pode ser uma idéia não apenas criativa, mas claustrofóbica”, agradando mais à tradição do que à razão e tendo por hábito encontrar em si mesma a justificativa de suas manifestações. Ao remeter-se a uma tradição cultural parece querer indicar que fazer algo por muito tempo, tem quase o mesmo valor justificativo de se ter razão.

⁷ Clifford James Geertz (1926 - 2006), antropólogo estadunidense, após seu doutorado na Harvard University (1956), lecionou na *University of California at Berkeley* e na *University of Chicago*. A partir de 1970 dedicase ao magistério e à pesquisa no *Institute for Advanced Study*, em Princeton (New Jersey), do qual se torna Professor Emérito em 2000 (<http://www.ias.edu/newsroom/announcements/view/geertz-1926-2006.html>). Em 1999, pronuncia a *Charles Homer Haskins Lecture* (“A Life of Learning”) na Reunião Anual do *American Council of Learning Societies* fazendo um balanço de sua vida acadêmica. Entre suas obras destacam-se: *The Religion of Java* (1960); *Islam Observed: Religious Development in Morocco and Indonesia* (1968); *The Interpretation of Cultures: Selected Essays* (1973, 2000); *Negara: The Theatre State in Nineteenth Century Bali* (1980); and *The Politics of Culture, Asian Identities in a Splintered World* (2002).

A verdade é que só existe humanidade, enquanto marcada pela cultura local. O fato de sermos animais culturais⁸ é fonte de divisões, mas também “é o que temos em comum, universalmente. E dizer que somos todos animais culturais significa dizer que somos todos vulneráveis e carentes. Criaturas como nós, que precisamos de cultura para sobreviver, o fazem em razão de uma deficiência em sua natureza. Todos os seres humanos nascem prematuros e, se a cultura (sob a forma de linguagem, parentesco, práticas de cuidar uns dos outros e assim por diante) não entrar em ação rapidamente para preencher esse vazio, morrem antes do tempo. Assim, se a cultura é o sinal da dianteira que temos em relação aos outros animais, ela é também sinal de nossa fraqueza. É sobre o alicerce dessa vulnerabilidade comum, e não de diferenças culturais, que qualquer política decente precisa ser construída” (EAGLETON, 2004).

Referências Bibliográficas

CLIFFORD, James. *The Predicament of Culture: Twentieth-Century Ethnography, Literature, and Art*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

CLIFFORD James e MARCUS, George (editors.) *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. University of California Press, 1986.

EAGLETON, Terry. *Balzac encontra Beckham*. **Folha de São Paulo / mais!** 05.12.2004.

GEERTZ, Clifford. *A Life of Learning*. Charles Homer Haskins Lecture for 1999. In: American Council of Learned Societies - Occasional Paper No. 45 (<http://www.acls.org/op45geer.htm> -acesso em janeiro de 2008).

JOURNET, Nicolas. *Penser la culture*. In: **Sciences Humaines** (mensuel), n°. 110, nov. 2000.

KUPER, Adam. *Entretien Rencontre avec Adam Kuper*. In: **Sciences Humaines Mensuel** N° 113 Février 2001.

MARCUS, George E., e FISCHER, Michael M. J. *Anthropology as Cultural Critique: An Experimental Moment in the Human Sciences*. Chicago, University of Chicago Press. 1986.

PARÍS, Carlos. *O Animal Cultural*. São Carlos (SP): EdUFSCar, 2002.

⁸ Ver, a propósito, PARÍS (2002).